

## A/R/TOGRAFIAS ENTRE ARTE E VIDA: A SALA DE AULA COMO ESPAÇO DO ACONTECER

JORDANA BELEM RODRIGUES<sup>1</sup>; MARCO AURÉLIO CRUZ SOUZA<sup>2</sup>;  
ÚRSULA ROSA DA SILVA<sup>3</sup>.

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas – jordanabelem90@gmail.com*

<sup>2</sup>*Universidade Federal de Pelotas – marcoaurelio.souzamarco@gmail.com*

<sup>3</sup>*Universidade Federal de Pelotas – ursularsilva@gmail.com*

Esta fluente e sensível escrita, como proposta de dissertação do PPG em Artes da Universidade Federal de Pelotas, dentro do projeto de pesquisa intitulado: Mediação cultural, educação estética e processos educacionais em arte, juntamente com o grupo de pesquisa Arte e estética na educação (UFPel/ FURB), e com apoio da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), se dedica a pensar a potência da experiência estética para os processos de formação e de subjetivação, que atravessam os educandos durante o percurso vivido nos espaços educativos. Tendo como principal objetivo a proposta de um novo modo de abordar o ensino de arte, o meu próprio modo de fazer *com e a partir* da arte.

Este espaço entre docência/discância em que nos encontramos é um lugar de possibilidades com arte, um lugar de apreender com arte, de sentir a arte, de gerar novos pensamentos através da arte, de criar relações com a arte, entrecruzando outros saberes e diversas esferas da vida. Um lugar transformador e acolhedor, um lugar onde experimentar, experienciar e vivenciar fazem parte da vida, dos processos de formação, mas também fazem parte do processo artístico.

Em meio a tantas possibilidades, podemos perceber que nem todos os professores conseguem apresentar e utilizar os conteúdos a serem ministrados para afetar os alunos de uma maneira positiva e significativa, e em algumas disciplinas o interesse não é despertado. As propostas de aulas eram quase sempre expositivas aliadas a avaliações (provas) que mediavam somente a nossa capacidade de memorizar os conteúdos deixavam a mestrand<sup>a</sup> um pouco frustrada, afinal essa é uma ideia de ensino ultrapassada que data do século XIX, que não se encaixa para o ensino de arte na contemporaneidade e que tem por objetivo a transmissão de conteúdos e que não se encaixa para o ensino de arte na contemporaneidade. Em seu livro *Pedagogia da Autonomia*, Paulo Freire faz uma crítica sobre a questão de transmissão de conteúdos:

[...] ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho – a de ensinar e não a de transferir conhecimento. (FREIRE, 1996, p. 21)

Freire salienta sobre criar possibilidades para a produção e a construção de um conhecimento que deve ser compartilhado entre docente e discentes, um conhecimento que se dá no processo, no encontro com os diferentes saberes que compõe a sala de aula.



Através do contato ainda mais potente com a arte, dentro da linha de pesquisa de Educação em Artes e Processos de Formação Estética do Mestrado em Artes, procuramos novas possibilidades de abordar o ensino de artes. O objetivo da pesquisa então, é propor um novo modo de abordar o ensino de arte a partir da potência da experiência estética e com reflexões oriundas do próprio processo de formação docente em Arte da mestranda<sup>1</sup>. Neste percurso de um processo de formação que não se esgota, procuramos nos nutrir esteticamente, para que assim seja possível proporcionar experiências sensíveis aos estudantes com os quais trabalhamos, com propostas de trabalhos que sejam realmente significativos, contextualizados e que estejam ligados ao cotidiano de cada um deles. A ideia é que realmente as aulas os tocassem de alguma maneira, para que através das experiências, provocações e propostas de trabalhos eles também produzissem sua própria maneira de pensar/ser/estar no mundo, ampliando a criticidade e significando a vida através de um olhar mais sensível, através de novas perspectivas.

Nesse sentido, acreditamos que através da metodologia A/R/Tográfica, será possível olhar para as próprias vivências e experiências da mestranda<sup>1</sup> como professora- artista-pesquisadora, refletindo e as utilizando para dar luz a um “profartistar”. Inventar e re-inventar uma maneira própria de ser e estar em sala de aula, uma própria maneira de ser professora, buscando disparar experiências que afetem os corpos dos alunos. Experiências os formem e os transformem, que atinjam suas subjetividades e os façam pensar diferente do que pensavam, os façam sentir diferente do que sentiam, os façam re-significar e buscar novos significados, e que os façam desenvolver suas potencialidades ao máximo, tanto as sensíveis como as críticas e reflexivas. Fazer com que assim, eles percebam as realidades através de diferentes olhares e perspectivas e as transformem. Uma pesquisa em educação baseada em arte, abrindo a possibilidade de espaços propositores que façam emergir novas formas de pensar/ser/estar no mundo.

Para Irwin a “A A/R/Tografia é uma Pesquisa Viva, um encontro constituído através de compreensões, experiências e representações artísticas e textuais. Neste sentido, o sujeito e a forma da investigação estão em um estado constante de tornar-se” (IRWIN, 2013, p. 28). Uma proposta autoral de uma ‘obra-aula’ aberta à múltiplas interpretações e significados que poderão surgir enquanto caminhamos e de acordo com as vivências e subjetividade de cada aluno, pois cada ser percebe o mundo à sua maneira.

Propomos o estudo de um novo conceito inventado pela mestranda<sup>1</sup> para dar conta do seu processo como professora, artista e pesquisadora, um “*Profartistar*” que engloba a teoria, a prática e a criação de forma intrínseca, indissociáveis, fazendo com que o professor-artista se dedique e se envolva com essas três esferas (pesquisador-professor-artista), e a partir delas crie sua obra que aqui chamo de “obra aula”. Quando conseguimos integrar três ou mais formas de pensamento, e também englobar o sensível temos experiências de caráter estético. O A/R/Tógrafo (artista-pesquisador-professor) comprehende e reconhece que arte, pesquisa e ensino são vividos e não apenas executados [...] enquanto integram teoria, prática e criação através de suas experiências estéticas passam significado no lugar de fatos.” (IRWIN, 2008, p 98). Esse envolvimento, faz com que seja possível que o professor crie uma aula mais sensível, mais acessível, procurando aguçar as sensibilidades dos estudantes através da arte e de temas que atravessam as artes, sendo um dos objetivos, despertar experiências marquem seus corpos.

Caminhando e tecendo essa formação, tivemos diversos questionamentos sobre a arte e a vida, sobre esse mundo capitalista fervoroso que nos atravessa constantemente. Como (sobre)viver em um mundo caótico sem arte? Como ter tempo para pensar sobre a arte, se nossas vidas estão cada vez mais corridas? O que podemos fazer com arte e através da arte para formar pessoas mais sensíveis atravessadas por experiências de caráter estético? Já não temos tempo. Jorge Larrosa, professor de Filosofia da Educação da Universidade de Barcelona, problematiza nossa falta de tempo que resulta na diminuição de experiências:

[...] a experiência é cada vez mais rara, por falta de tempo. Tudo o que se passa, passa demasiadamente depressa, cada vez mais depressa. E com isso se reduz o estímulo fugaz e instantâneo, imediatamente substituído por outro estímulo ou por outra excitação igualmente fugaz e efêmera. O acontecimento nos é dado na forma de choque, do estímulo, da sensação pura, na forma da vivência instantânea, pontual e fragmentada. A velocidade com que nos são dados os acontecimentos e a obsessão pela novidade, pelo novo, que caracteriza o mundo moderno, impedem a conexão significativa entre acontecimentos. (LARROSA, 2002, p.23)

A questão principal dessa pesquisa é: O que pode a experiência estética na formação do(i)scente? A partir desse questionamento a pesquisa nasce e toma um corpo. Um corpo que se constrói junto com o percurso docente, junto o processo formativo, e, portanto, sempre inserido em sala de aula. Uma sala de aula que aqui será tratada como espaço do acontecer (um espaço onde podemos construir novos mundo, novas possibilidades, olhar por outras lentes, dar novos significados). Este trabalho é um recorte de uma dissertação que ainda está em construção, que ainda vive e caminha em diversas direções em busca de novas experiências e possibilidades com arte e educação.

Finalizo dizendo que não há fim. Esta é uma pesquisa aberta e que continuará a reverberar dentro do campo da arte, da educação, podendo também se estender ao campo da filosofia, dentre outros campos em que esta escrita poderá ser útil. Não como uma maneira de fazer, mas como mais uma possibilidade de pensar, ou como diversas possibilidades de pensar, de fazer, de ser e estar no mundo, de atuar nesse mundo, diversas maneiras de ser docente. Inventar, devanear, e continuar transformando pensamentos é também, um modo de resistir.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DIAS, Belidson e IRWIN, Rita (Orgs.). **Pesquisa Educacional Baseada em Arte: A/r/tografia**. Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo, Paz e Terra, 1996.

IRWIN, Rita. **A/r/tografia: uma mestiçagem metonímica**. In: BARBOSA, A. M.; AMARAL, L. (org.). *Interritorialidade: mídias, contextos e educação*. São Paulo: Senac; Edições Sesc, 2008. p. 87-104.

LARROSA, B. Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Revista Brasileira de Educação, Jan/Fev/Mar/Abr 2002 n.19 (Jorge Larrosa Bondía, Universidade de Barcelona, Espanha, Tradução de João Wanderley Geraldi, Universidade Estadual de Campinas, Departamento de Linguística).